

Não foi em Portugal que, sob a monarquia, o sr. João Chagas disse que não queria nada com anarquistas, porque ainda havia de ser governo; não foi em Portugal que, sob o actual regimen, se ordenou o encerramento de associações operarias, se perseguiram e perseguem militantes sindicalistas e anarquistas, se declararam as greves obra dos talassas e agrediram grevistas, se fez a publicação da lei das greves, se cometeu o fusilamento de Setubal, etc., foi na Lua. A nossa falta de memoria!

Deuses e semi-deuses

O que eles dizem:

«O coração de cada um hoje é livre e pode livremente amar a liberdade e a Republica.» — *Bernardino Machado*. — (Discurso no Monsanto, no *Mundo* de 25 de setembro de 1911).

«A religião, significando um corpo de doutrinas regulador das relações entre o homem e a divindade, não pode interessar colétivamente o meio social.» — *Alfredo de Magalhães* — (Conferencia em Alcantara, no *Mundo* de 22 de setembro de 1911).

«Cada um pode ter a sua crença que quizer, mas com a condição de que a crença de cada qual não tenha a pretensão estulta de morigerar ou modificar a marcha do Estado republicano.» — *Antonio José d'Almeida* — (Conferencia em Cascaes, na *Republica* de 5 de outubro de 1911).

Resultante da analise

O anarquismo na grandeza das suas concêções abstratas mas generosas, não é mais sonho de visionários, mas a resultante da pormenorizada analise dos fenomenos sociaes, classificados e apreciados sob o mais rigoroso criterio da sociologia por eruditos celebres.

Assim falou ha pouco o socialista sr. Ladislau Batalha.

Um como tantos

Affonso de Bourbon, que não sabemos quem seja, mas que alguns camaradas tinham por anarquista, mandou, aqui ha tempo, dizer ao semanario anarquista *O Agitador*, por fórma pretendidamente offensiva, o que é de uso dizerem todos os «revolucionarios» que querem arranjar-se: — que evolutira no meio da fiesidez teimosa dos fieis; que é inteiramente incompativel com essa gente e com as idéas dessa gente; em summa que repudia toda e qualquer solidariedade com o movimento anarquista.

Disse... e agora aparece-nos colaborador efétivo do *Agitador*, semanario anarquista. Será excessivo o nosso desejo de saber como se encontra entre nós quem de nós se despediu aos coices?

Triste

Em um jornal de Lisboa que se diz anarquista, um desconhecido de nome Narciso d'Andrade — provavelmente algum camarada dos renegados Alfredo Pimenta e Jaime Cortesão — deu-se a glorificar Ferrer, deprimindo, senão insultando Jean Grave e Kropotkine. Que miseria!

O redátor do jornal em questão devia ver que atingia o proprio Ferrer, dado que Kropotkine e Grave foram seus amigos e cooperadores; devia saber que antes de Ferrer fundar a Escola Moderna já Grave havia dado o seu esforço á tentativa da Escola Libertaria; devia dar os porquês das suas palavras e indicar quaes os pensadores anarquistas contemporaneos da obra pedagogica de Ferrer, atacados de vesanias pandestruidoras ou atreitos a visões catastrophicas; devia...

Fiquemos por aqui.

O custo da guerra

Sabem quanto custaria uma guerra entre a França e a Alemanha?

Vamos reproduzir os numeros dum opusculo publicado pelo jornal das ciencias militares de França.

Esse jornal, fica em 1\$500 réis por dia, a despeza feita com cada soldado em guerra, em qualquer dos dois paizes.

Resulta d'aqui, que as despezas seriam para a França de: Por dia, 6.120.000\$000 réis; por mez (30 dias), 183.600.000\$000; por ano (365 dias), 2.213.200.000\$000.

Para a Alemanha:

Por dia, 7.326.200\$000 réis; por mez (30 dias), 219.786.000\$000; por ano (365 dias), 2.637.432.000\$000.

Se contarmos somente os primeiros algarismos nos dois paizes, encontramos a França com uma despeza de guerra, por dia, de mais de 6.000 contos de réis e a Alemanha em egual periodo de tempo, com mais de 7.000 contos de réis.

E' quanto custam as patrias dos Krup, dos Schneider, dos Rotchild, dos Burnay, dos Alfredo da Silva, Centeno e tantos outros.

Os leitores que meditem, e vejam se vale a pena ou não negar os filhos á vida militar.

J. C.

VIDA SOCIAL

PORTUGAL

Um inquerito. — «Mais quelqu'un troubla la fête...» Comemorando o primeiro aniversario da Republica Portuguesa, o *Intransigente*, jornal do sr. Machado Santos, comandante na Rotunda, publicou as impressões e respostas que colheu no seu inquerito junto de alguns dos homens que com ele implantaram o actual regimen. Essas impressões, essas respostas, traduzem a mais profunda das desilusões. a mais cruel decepção, formam um clamor nico, num só grito: não é nada disto o que nós queriamos. E se nos dizeses de alguns se vê como neles não seria difficil o contentamento, se nos de muitos se vislumbra a esperança falaz de um bom governo nos de outros sente-se crepitar a chama de um mais elevado ideal... «Se eu soubesse que a Republica que tinha idealizado era a porca que me saíu, não me tinha arriscado, não me tinha sacrificado, como me sacrifiquei...», declara Porfirio Rodrigues. — «Fui muito tanso em pensar que lá por a gente ter dado uns tiros estas coisas mudavam... E' o mudas... pois não mudaste!», diz o marinheiro Joaquim Coelho. Poderá contar-se com esses para a longa jornada em que vamos a demandar a Cidade do Bom Acordo?

Greve dos vendedores de jornaes. — A proposito desta greve provocada por um artigo infamante do *Seculo* e lastimosamente perdida, escreve *O Zé*, criticando com justiça a utilização do ezercito no interesse particular das empresas capitalistas:

«Aquele dos cadetes da escola do ezercito andarem a vender «A Capital» é de primeirissima ordem.

Olhem que a gente já nem sabemos quantas patrias temos.

Acreditem que lá nesse capitulo não sabemos ás quantas andamos. O ezercito, segundo eles dizem, instituiu-se para servir a patria